

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS


ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

Dicionário das Crises e das Alternativas



DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n.ºs 76, 78 e 79
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901
www.almедina.net · editora@almедina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

que promove no âmbito da vida quotidiana e que revela uma operação de conversão de questões coletivas e públicas em questões pessoais. O quotidiano seria, assim, equacionado como um conjunto numeroso de questões cuja solução se encontraria no mercado e remeteria para obrigações individuais – saber encontrar o produto, receita ou serviço mais adequados e fazer todo o esforço para os poder comprar.

Nos tempos da crise atual, constituir-se-ão muitos dos discursos existentes sobre austeridade como verdadeiramente alternativos à lógica social até aqui apontada (lembramos, por exemplo, como é vulgar contrapor o “luxuoso” ao “austero”)? A resposta é negativa se tivermos em conta dois fatores. Em primeiro lugar, se o luxo continua acessível para um grupo restrito, a proclamada austeridade torna-se um eufemismo para quem vê acrescidas as suas dificuldades para lidar com necessidades básicas. Por outro lado, muito do discurso da austeridade é formulado numa lógica que converte também o social em privado ou pessoal – daí a multiplicidade de afirmações que, em teor psicologizante, apelam a que cada um trabalhe o seu *eu* de determinada forma para ultrapassar os obstáculos com que se depara. Os discursos alternativos enfrentam fortes constrangimentos sempre que o debate se monopoliza entre empréstimos financeiros (incluindo aqueles codificados como “ajuda externa”) e as recomendações que parecem sair de livros de autoajuda.

André Brito Correia

Marxismo

Estruturado inicialmente a partir das obras de Marx e Engels, o marxismo constituiu-se como uma análise das dinâmicas do capitalismo e do modo como estas determinam as sociedades, como uma filosofia do materialismo dialético e como uma corrente socialista ancorada na ideia de emancipação e de transformação da sociedade. Cada um destes três eixos deu lugar a intensos debates, fazendo do marxismo, mais do que uma doutrina delimitada, uma raiz inspiradora de práticas políticas e posicionamentos intelectuais. Assim, em termos políticos, a par da defesa da ditadura do proletariado, desenvolveram-se caminhos que propuseram uma transição para o socialismo num quadro pluripartidário; a par da ideia de “socialismo num só país”, afirmou-se a defesa do comunismo enquanto projeto internacionalista; a par da defesa da revolução russa de 1917 e da experiência soviética,

ganharam relevo críticas focadas na perversão estalinista (ou leninista) e buscaram-se outros modelos de transformação social.

Em termos teóricos, se o marxismo afirmou a centralidade do conceito de exploração e a ênfase na análise dos modos de produção, inspirou também teorias assentes no conceito mais vasto de alienação e na recusa de leituras estritamente economicistas. Esta linha foi classificada por Perry Anderson como “marxismo ocidental” e nela cabem autores muito distintos mas apostados na hibridização do pensamento de Marx. É assim que este aparece conjugado com Hegel (Lukács), com Freud (Marcuse e Reich), com Heidegger (Sartre) ou com a corrente utópica (Bloch). Esta tendência de hibridização mantém-se hoje em autores como Negri (conjugando Marx e Foucault) ou Zizek (associando Marx e Lacan).

Outros fatores de inovação do marxismo – mas também de identificação dos seus limites – radicam na necessidade de aprofundar aspetos – como a teoria das classes (Olin Wright), o conceito de Estado (Poulantzas, Jessop) ou as noções de ideologia/hegemonia (Gramsci, Althusser, Laclau) – ou de dar conta de novas preocupações – como o indigenismo (Mariátegui, Garcia Linera), o feminismo (Sheila Rowbotham, Juliet Mitchell) ou a ecologia (John Bellamy Foster, Michael Löwy).

Miguel Cardina

Média

Até à década de 1960, *média* designava um campo integrador dos “meios de comunicação de massas” enquanto instrumentos de propaganda destinados a impor uma mensagem de natureza política ou publicitária. Na década de 1970, essa perspetiva foi alargada, percebendo-se que a dimensão instrumental não indicava apenas aos públicos *o modo* como estes deveriam pensar, mas incorporava também a aptidão para impor *aquilo* em que eles deveriam ou não pensar. Neste sentido, os média têm funcionado como aparelhos de subordinação dos cidadãos a formas de perceção do real social e do curso da História que escapam à intervenção da crítica, não sendo acidental que as piores formas de opressão, instaladas nos regimes de pendor totalitário mas também nas fissuras das democracias, recorram a eles para impor o seu domínio e eliminar a divergência.

A ideia de “indústria cultural”, proposta por Adorno e por Horkheimer, referia já o modo como a instauração de um dado fluxo de informação servia